

# CENTROS DE CONVIVÊNCIA E PRODUÇÃO DE VIDA: POR UMA CULTURA DO CUIDADO

*Coexistence Centers and Production of life: for a Culture of Care*

Sabrina Helena Ferigato<sup>1</sup>

**Resenha.** Centro de convivência: arte, cultura e trabalho potencializando a vida [livro eletrônico]. Organizadores: Thiago Benedito Livramento MERÍCIO e Ariadna Patricia Estevez ALVAREZ. Rio de Janeiro: Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro, 2021. Vários colaboradores.

**Resumo:** Esta resenha tem como objeto o livro *Centros de Convivência: arte, cultura e trabalho potencializando a vida*, organizado por Thiago Benedito Livramento Melício e Ariadna Patricia Estevez Alvarez, publicado em 2021. O objetivo desta resenha é apresentar reflexões teórico-práticas a partir de uma análise crítica da obra supracitada. Para isso, o método utilizado incluiu quatro etapas: (1) a leitura da obra, (2) a construção de um breve resumo de seu conteúdo, (3) a análise crítica da produção e (4) a formulação teórico-prática realizada pela resenhista. Ou seja, sem a pretensão de esgotar o tema abordado no livro, buscamos expor de forma pessoal e subjetiva nossa perspectiva sobre a obra, tendo como resultado deste processo teórico-reflexivo apontamentos para as principais contribuições do texto para a Saúde Mental e para a promoção de uma cultura do cuidado.

**Palavras-chave:** Centros de Convivência, Saúde Mental, Cultura.

**Abstract:** This review focuses on the book “Community Centers: enhancing life through arts, culture, and work, organized by Thiago Benedito Livramento Melício and Ariadna Patricia Estevez Alvarez, and published in 2021. The purpose of this review is to present theoretical and practical reflections based on a critical analysis of the aforementioned book. The method used included four stages: (1) reading the book, (2) the construction of a brief summary of its content, (3) the critical analysis of the production, and (4) the theoretical-practical formulation carried out by the reviewer. Without intending to exhaust the themes addressed in the book, we seek to expose in a personal and subjective way our perspective on the work, having as a result theoretical-reflective process notes exposing the main contributions of the as well as of the Centers for Coexistence to Mental Health and to the promotion of a culture of care.

**Keywords:** Community centers, Mental health, Culture.

---

<sup>1</sup> Departamento de Terapia Ocupacional – Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).  
[sabrinaferigato@gmail.com](mailto:sabrinaferigato@gmail.com)

Essa resenha tem como objeto o e-book, coletânea de relatos e artigos organizados por Thiago Benedito Livramento Melício e Ariadna Patricia Estevez Alvarez. O objetivo é apresentar uma síntese dessa obra, incluindo processos de reflexão teórico-práticas e análises críticas provocadas pela leitura. Antes de iniciarmos a apresentação da síntese deste e-book, é importante destacar a sua função e importância política no contexto atual e a justificativa desta resenha se apresentar em um periódico do campo da Saúde Mental.

A estreita relação entre Centros de Convivência e a Reforma Psiquiátrica, segundo Ferigato (2013) embora registre experiências desde a década de 80 ganha maior visibilidade a partir de 2005, quando o Ministério da Saúde, representado pela Coordenação Geral de Saúde Mental, desenvolveu uma cartilha intitulada “Reforma Psiquiátrica e política de Saúde Mental no Brasil”, documento apresentado à *Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental*, organizado pela OPAS (Organização Pan-americana de Saúde) em Brasília. Neste documento, esboça-se uma importante, porém não definitiva conceituação sobre esse espaço coletivo:

Os Centros de Convivência e Cultura são dispositivos públicos que compõem a rede de atenção substitutiva em saúde mental e que oferecem às pessoas com transtornos mentais espaços de sociabilidade, produção cultural e intervenção na cidade. Estes Centros, através da construção de espaços de convívio e sustentação das diferenças na comunidade, facilitam a construção de laços sociais e a inclusão das pessoas com transtornos mentais. O valor estratégico e a vocação destes Centros para efetivar a inclusão social residem no fato de serem equipamentos concebidos fundamentalmente no campo da cultura, e não exclusivamente no campo da saúde. (...) São dispositivos públicos que se oferecem para a pessoa com transtornos mentais e para o seu território como espaços de articulação com a vida cotidiana e a cultura. Assim, a clientela dos Centros de Convivência e Cultura é composta, não exclusivamente por pessoas com transtornos mentais. (BRASIL, 2005)

A partir dessa definição, podemos entender os Centros de Convivência (CeCos) como espaços que deveriam ser investidos inicialmente pelo SUS e pelas Políticas de Saúde Mental. Desde o final da década de 80 a implementação dos CeCos foi iniciada em alguns municípios brasileiros, com principal destaque para São Paulo, no governo da prefeita Luísa Erundina, além de Belo Horizonte e Campinas.

Marcadamente, desde o início de sua implementação, cada um desses municípios, construíram modelos e trajetórias diferentes entre si, iniciativas que foram ganhando uma capilarização em outras regiões do Brasil, especialmente a partir de iniciativas locais, como podemos observar no livro a que nos propomos discutir, com protagonismo das redes de saúde mental, atenção básica, cultura e movimentos comunitários de base.

Neste sentido, o acúmulo das experiências de CeCos - ricamente sistematizados neste livro - complexifica a proposta inicial da Reforma Psiquiátrica, que pensou esses espaços como dispositivos para a inserção sociocultural de pessoas com transtornos mentais no convívio cotidiano, para além da superfície-tratamento. Mais do que produzir outras respostas sociais para a loucura, os CeCos têm nos fornecido pistas importantes para responder a indagações vividas por todos e cada um de nós em nossas experiências singulares, com ou sem a presença de um transtorno mental. Indagações como àquela trazida pelos organizadores do prefácio do livro:

“Como pensar a potência do conviver nos dias atuais, operados pelo signo do medo como operador político da Ordem, que segrega, isola, individualiza e exclui?”

Como as experiências cartografadas explicitam no livro, essas pistas passam pela delicada arte de produzir encontros, pela possibilidade de ampliar nosso grau de conexão com as diferenças, pela constituição de redes territoriais e sobretudo pela produção do comum.

Na apresentação do livro, os seus organizadores explicitam que objetivam produzir a conexão da construção de uma Psicologia que se efetiva na experiência com os Centros de Convivência, por meio de articulações com as políticas de garantia de direitos, além de aprofundar discussões no campo da saúde mental que articula o saber da psicologia com o fazer nos Centros de Convivência.

Compreendemos que a obra atinge esse objetivo, sobretudo nos capítulos “Centro de convivência: uma análise sobre a formação psi”, “Habitando o território da psicologia: relato do Coletivo Convivências” e em “Psicologia social e políticas públicas: CeCos como tecnologias do comum”, no entanto, o objetivo enunciado reduz o objetivo atingido pela produção completa, que inclui um amplo

repertório de textos e imagens que vão muito além do núcleo profissional da psicologia ou de qualquer identidade disciplinar.

Mais do que produzir conexões da psicologia, a coletânea apresenta uma proliferação de conexões intersetoriais, uma vasta expressão de produções teóricas e práticas transdisciplinares, com autores de diferentes formações e inserções profissionais, em coerência com a própria substância conectiva, mais do que identitária, que é constitutiva dos CeCos.

O livro se organiza em três seções. A primeira delas traz 13 relatos das experiências locais que foram sistematizadas e publicizadas no I Encontro Nacional de Centros de Convivência, realizado em 2021, em comemoração aos 20 anos da lei 10.2016, conhecida como “lei antimanicomial”, um marco nacional da luta antimanicomial e da Reforma Psiquiátrica.

Esta seção tem um forte caráter de registro, sistematização e divulgação de experiências concretas que se dão nos territórios onde a vida acontece. Destaca-se que, mais do que um mero compilado de textos, essa sessão inclui uma função política de testemunho. Testemunhar o que pode a política de convivência em seu agenciamento com as práticas de cuidado em saúde mental. Registra-se o gesto de diferentes autores/profissionais de **testemunhar** sua própria atividade de produção de mundos no encontro com pessoas, objetos, paisagens, – transversalizadas pelos agenciamentos que a convivência produz.

Para Lapoujade (2017) inspirado no filósofo da Arte Étienne Soriau, a testemunha “tem a responsabilidade de fazer ver aquilo que teve o privilégio de ver, sentir ou pensar” (Idem, p.22). Profissionais, pesquisadores, estagiários e usuários dos CeCos se tornam criadores de novas existências ao narrarem suas experiências: aquelas existências que o testemunho faz comparecer. Testemunham-se experiências marcadas pelos encontros com existências negadas (pessoas com transtornos mentais, pessoas com deficiência, pessoas em situação de rua, etc.) que se conectam para reinventar possibilidades de ser, pensar, sentir e agir em um mundo que em princípio as recusas. Ao reinventar possibilidades, reinventa-se também novos mundos.

Ao testemunhar um conjunto de novos mundos possíveis, essas narrativas operam como intensificadores de existências, que ganham sustentação ao serem reinventadas e narradas, afinal, “existimos pelas coisas

que nos sustentam, assim como sustentamos as coisas que existem através de nós, numa edificação ou numa instauração mútua” (LAPOUJADE, 2017, p. 99).

A segunda secção traz 16 artigos que incluem articulações teórico-práticas sobre Centros de Convivência e Cultura, como dispositivos intersetoriais. Nesta seção identificamos o fortalecimento da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) em sua interface com a Cultura, a Educação, as Artes, a Geração de Renda, interfaces experimentadas em territórios diversos e a partir de diferentes referenciais teóricos.

Apresentam-se limites e possibilidades das políticas de convivência operando de forma transdisciplinar, em rede e em territórios singulares, assim como as potências e obstáculos enfrentados pelas equipes de Cecos para lidar com o contexto pandêmico, em movimentos intensivos de virtualização do cuidado e reinvenção dos modos de trabalhar-cuidar(se) e conviver em um contexto de interdição da livre convivialidade.

A dimensão da experiência continua presente nesta seção de artigos, já que as reflexões são apresentadas a partir da apresentação de oficinas, projetos vividos, políticas e programas situados, com destaque para experiências da região sudeste.

Por fim, a terceira secção, oferece aos leitores uma espécie de portfólio, com imagens e informações gerais sobre os Centros de Convivência e coletivos acadêmicos do Rio de Janeiro, como mais um plano de divulgação e ampliação da rede comunicacional para o acesso a esses dispositivos.

Nesta seção nos deparamos com os nomes daqueles operadores invisíveis que na micropolítica do trabalho vivo (MERHY, 2007) ativam em ato processos conviviais para pessoas vulnerabilizadas por um mundo demasiadamente excludente. Nos deparamos com imagens – registros fotográficos, que dão visibilidade a uma multiplicidade de encontros, cenas, movimentos experimentados no cotidiano dos CeCos.

Destaca-se o caráter inequívoco do livro de produção de conhecimento em experiência. Experiências de ações comprometidas com a Reforma Psiquiátrica, com a Reforma Sanitária e com a produção de mundos vivíveis (TEIXEIRA. FERIGATO. COSTA,, 2023).

Como toda obra coletiva, podemos caracterizar a potência deste e-book em seu caráter de produzir-se em si como um processo de ativação de redes.

Redes de convívio, de militância, de formação, de cuidado. Redes de produção de saúde, de promoção cultural, de participação social, de produção de comuns. Comum como destacado o livro:

O comum, assim, é produzido pela transversalização realizada por práticas da participação. O conceito de comum se define por sua consistência experiencial e concreta e constitui um desafio a ser permanentemente enfrentado. É comum o que é vivido como pertencimento no coletivo. Trata-se de conceito político por excelência: é aquilo que partilhamos e em que tomamos parte, pertencemos, nos engajamos. (KASTRUP; PASSOS,, 2013).

Finalizamos essa resenha com um convite para que o campo da saúde mental e da saúde coletiva aliem-se consistentemente à essas experiências tão potentes e ao mesmo tempo tão marginalizadas pelas próprias políticas que teoricamente a sustentam.

Se o comum se caracteriza como tudo aquilo que só existe quando é necessariamente compartilhado (TEIXEIRA; FERIGATO; COSTA,, 2013), os Centros de Convivência podem se constituir como produtores de pistas importantes para o fortalecimento de práticas que compreendam a produção de saúde como produção de comum, e a produção de saúde mental como produção de um comum que potencialize nosso desejo de perseverar na existência. Ou seja, ao experimentar radicalmente a interface entre Saúde Mental e Cultura, os CeCos se mostram como dispositivos para a produção de uma cultura do cuidado e para o cuidar da produção cultural que sustenta nossas comum(idades).

## Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. DAPE. Coordenação Geral de Saúde Mental. Reforma psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil. Documento apresentado à Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental: 15 anos depois de Caracas. OPAS. Brasília, novembro de 2005. Disponível em [https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/Relatorio15\\_anos\\_Caracas.pdf](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/Relatorio15_anos_Caracas.pdf) Acesso 23 mar 2023.

FERIGATO, Sabrina Helena. Cartografia dos Centros de Convivência de Campinas: produzindo redes de encontros [Tese]. Campinas: Departamento de Saúde Coletiva, Unicamp; 2013. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=453595> Acesso 23 mar 2023.

LAPOUJADE, David. As existências mínimas. São Paulo: n-1 edições, 2017.

MELÍCIO, T.B.L; ALVAREZ, A. P.E (Org.). Centro de convivência [livro eletrônico]: arte, cultura e trabalho potencializando a vida. Rio de Janeiro: Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro, 2021.

MERHY, Emerson Elias. Saúde: a cartografia do trabalho vivo. São Paulo: Hucitec, 2007.

TEIXEIRA, Ricardo Rodrigues; FERIGATO, Sabrina Helena; COSTA, Rogério. A Reinvenção da vida e da saúde em tempos de pandemia: o lugar da cultura. 1. ed. São Paulo: Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo: USP - Universidade de São Paulo, 2023.